



O INEFÁVEL FLUXO DA(S) CONSCIÊNCIA(S)(?)

Joaquim Carlos Senos de Araújo¹

RESUMO: Trata-se de uma reflexão sobre o problema da definição do conceito de consciência e a sua possibilidade de se manifestar na mente animal, tentando compreender até que ponto as suas qualidades fenomenológicas são comunicáveis. Partindo de pressupostos neurológicos admitidos na ciência atual, estudaremos a consciência animal, forçosamente por analogia com a consciência humana. Recorrendo a exemplos encontrados em vários seres vivos, será debatida a tese do psiquismo zoológico, tentando encontrar a singularidade da consciência animal. Se a consciência pode ser caracterizada enquanto mecanismo biológico, logo o excede. Toda a consciência refere um sentimento primordial que se desenrola num fluxo temporal (tempo da consciência). É a fenomenologia que nos dará uma possível resposta.

Palavras-chave: consciência; consciência animal; mente; psiquismo; cérebro; sensação; tempo; fenomenologia.

ABSTRACT: This is a reflection on the problem of defining the concept of consciousness and its possibility of manifesting itself in the animal mind, trying to understand to what extent its phenomenological qualities are communicable. Starting from neurological presuppositions admitted in current science, we will study animal consciousness, necessarily by analogy with human consciousness. Using examples found in various living beings, the thesis of zoological psychism will be debated, trying to find the singularity of animal consciousness. If consciousness can be characterised as a biological mechanism, it soon exceeds it. All consciousness refers to a primordial feeling that unfolds in a temporal flow (time of consciousness). It is phenomenology that will give us a possible answer.

Keywords: consciousness; animal consciousness; mind; psychism; brain; sensation; time; phenomenology.

INTRODUÇÃO

Um dos mais intrigantes e apaixonantes problemas da filosofia, é saber como é que a (nossa) consciência se mantém, enquanto refletimos sobre a própria consciência. Perceber

¹ Conferencista convidado por várias Universidades portuguesas, formador de formadores nas áreas de Filosofia e Didáticas Específicas - Ensino da Filosofia (certificado pela Universidade de Braga), com licenciatura e mestrado em Filosofia Contemporânea pela Universidade de Lisboa. Editou, para além de dezenas de artigos e manuais escolares, *A Imaginação Material* (Lisboa, Universitária Editora, 2000). Distinguido com o prémio nacional de Revelação de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores com a obra: *A Filosofia Trágica da Vida* – Ensaio sobre a Obra de Raul Brandão, (Difel, 1998), foi cofundador da revista *Phainomenon* e é, atualmente, professor de Filosofia e Psicologia, no Ensino Secundário Regular e Profissional, na Escola Secundária de José Afonso em Loures (Lisboa/Portugal). E-mail: joaquimcarlossenos@gmail.com





quais as condições que poderão, eventualmente, originar os processos biológicos da consciência e explicitar, por outro lado, o tipo de experiência mental, ou psicológica, a que podemos chamar consciência. Mas, desde logo nos surge uma velha questão: se teorizamos sobre consciência é porque estamos conscientes. De modo que tal intuição do nosso estado consciente (primeira instância da consciência) prova que não a podemos dividir em elementos mais simples, já que é ela própria a premissa de tal apreensão. Só mediante uma segunda instância da consciência, a reflexão, é que ela se mostra como objeto de um sujeito que, de modo intencional, a representa tematizando-a. Estará, então, à partida, o problema mal colocado por insuficiência das suas condições iniciais? Admitamos, em bom rigor lógico, que tal argumento (circular?) se mostra potencialmente falacioso. Pretendemos esclarecer aqui, de modo concetual, não normativo mas meramente filosófico ou teórico, as condições de possibilidade do ato consciente.

Outro dos temas igualmente intrigantes, especialmente hoje em dia, é compreender se os animais não humanos possuem ou não alguma capacidade que poderíamos apelidar de consciência. E se a possuem, de facto, de que tipo é? Semelhante à dos homens? Mas, afinal, o que é racionalmente possível concetualizar como consciência? Podemos defini-la?

Quer-nos parecer que a definição de consciência implica, desde logo, uma imprecisão, a saber, a (falta de) objetividade dessa mesma definição. Na verdade, só com grande ambiguidade poderemos verbalizar um estado psicológico quando o vivemos no momento. Passa-se o mesmo quando se pretende conhecer/definir consciência: ela apresenta-se, desde início, como a base da sua própria concetualização, tratando-se, nesse caso, de um fenómeno sempre autocondicionado. Estaremos perante um dos mais desanimadores obstáculos epistemológicos? Também não se nos afigura particularmente reconfortante admitir certas teses de autoridade filosófica tradicional, como por exemplo a do grande metafísico Sir William Hamilton :

A consciência não pode ser definida: podemos ser nós próprios plenamente conscientes do que é a consciência, mas não podemos sem confusão transmitir aos outros uma definição do que nós próprios claramente apreendemos. A razão é clara:



a consciência está na raiz de todo o conhecimento (HAMILTON, 1859, tradução do autor) ².

Nesta reflexão socorrer-nos-emos, essencialmente, de algumas teorias da neurobiologia enquadradas por discussões filosóficas tradicionais e hodiernas, e com algum enquadramento da fenomenologia. Tentaremos perceber até que ponto, a análise da categoria do tempo (da consciência) poderá contribuir para deslindar, dentro de uma lógica possível, este problema, uma vez que a consciência parece apresentar-se enquanto um todo sem partes, não obedecendo a qualquer determinismo causal mas, pelo contrário, colocando a si mesma a sua finalidade e recriando, em si e por si, o seu próprio tempo. E utilizando linguagem sartreana, digamos que tal propriedade do em-si da consciência, enquanto produto do mundo, ou da nossa biologia, torna particularmente espinhoso a compreensão do como (do processo) ela se traduz no para si, ou melhor, no para nós, sujeitos da reflexão e de um discurso público. Ou será que, parafraseando o estimulante Leibniz, e por analogia com o tema da percepção por si tratado, se a nossa consciência pudesse ser visitada como se visita um moinho, nela tão-só encontraríamos peças, impulsionando-se umas às outras, mas nada que pudesse explicar a própria consciência?!

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

Consintamos, enquanto hipótese de trabalho, que os fenômenos psíquicos se sucedem num fluxo, numa «corrente da consciência», para utilizar a clássica metáfora de William James - conceito cunhado em 1892 ³ - de modo a explicitar como os pensamentos aparentam fluir de modo transversal à mente consciente, a saber, um eu que permanece uno na multiplicidade dos seus estados conscientes (sentir, desejar, refletir, recordar, etc.) e adentro da sua experiência ontológica íntima. De modo simples, denota-se em todo o ser humano um sentimento intrínseco de ser sempre o mesmo, único, pela relação intersubjetiva da comunicação que oscila entre a semelhança e a diferença com e de um outro, respetivamente.

² «Consciousness cannot be defined: we may be ourselves fully aware what consciousness is, but we cannot without confusion convey to others a definition of what we ourselves clearly apprehend. The reason is plain: consciousness lies at the root of all knowledge.» HAMILTON, 1859, XI, p. 132.

³ CF. William James, «The Stream of Consciousness» (1892).



E assim a (auto)consciência nos (re)coloca no nosso corpo, em afinidade com a natureza (donde emergimos enquanto seres neoténicos) e com a sociedade (socialização primária). Por conseguinte, só pela reflexão topamos connosco próprios e conscientes do nosso estado, algo que já era/estava antes de o isolarmos enquanto tal ou tal. Sensações, juízos, ou sentimentos (primordiais, de si e outros), são os atos psíquicos de tal singularidade/individualidade concreta: condição necessária e suficiente a toda a forma de psiquismo que perdura enquanto durar a atenção vigilante do eu sobre si mesmo.

Somos, por isso, seres animais, seres viventes com operações sensitivas, *ens vivens sentiens* na sabedoria latina, sujeitos de reações neuro-psíquicas não restringidas a um simples reflexo. Somos conscientes. Entretanto, e em termos práticos, inquiramos o seguinte: o valor qualitativo das reações conscientes será fruto de uma simples intuição ou da reflexão? Mais, o carácter subjetivo dessas qualidades fenomenológicas (ou o conjunto das nossas experiências, sentimentos e sensações pessoais co originais à própria experiência consciente), habitualmente designadas no mundo filosófico como (consciência fenoménica) *qualia* - hiato entre a percepção e o cérebro - será ele comunicável ⁴? Parece que não. Sou capaz de comunicar que tenho uma dor mas não o doloroso que sinto, etc. Esta é, aliás, uma ideia-base da reflexão fenomenológica que os teóricos da mente, e da cognição, discutem amiúde entre si, quando refletem sobre a questão das imagens visuais, ou dos dados dos sentidos, dos *qualia* ou, de um modo geral, do «olho da mente», apresentando a nossa mente como um mecanismo interpretativo que classifica os seus objetos exibidos internamente, o chamado «show» que passa na mente - um pouco como os tubos de raios catódicos de um programa de computador que exhibe os seus dados armazenados quando ligamos o monitor do nosso computador! É aqui que discutiremos a correspondência bio cognitiva animal humano / animal não humano, tentando perceber como induzir analogicamente a existência de um psiquismo próprio neste último. Mais, como delimitar o psiquismo antropológico do psiquismo zoológico? Trata-se de uma falta de esclarecimento de termos? Quando falamos de consciência animal falamos de quê? Afinal, e em primeiro lugar, o que é a consciência? Podemos objetivamente defini-la?

⁴ Um problema filosófico bastante mais discutido a partir de 1974, com a edição do artigo de Thomas Nagel, «What's it Like to Be a Bat», onde o autor procura uma possível fenomenologia objetiva que não dependesse da empatia e da imaginação para a explicitação do problema da relação mente/corpo.



3 PSIQUISMO ANTROPOLÓGICO *VERSUS* PSIQUISMO ZOOLOGICO

Tomemos, por ora, a grande questão da consciência animal.

Philip Low, o conhecido neurocientista estadunidense, pesquisador da Universidade Stanford e do MIT, que descobriu a senciência animal, criador do iBrain (uma espécie de HD externo para a consciência humana que permitirá traduzir frequências cerebrais, de qualquer cérebro (humano ou não?) em caracteres legíveis num monitor – e que recentemente permitiu a leitura das ondas cerebrais do distinto Stephen Hawking - explica, com outros filósofos e investigadores que, nos últimos anos, a neurociência logrou encontrar áreas cerebrais que singularizam seres humanos e outros animais não humanos, sendo estas que produzem (a) consciência. Não será portanto o neocórtex a «sede da alma», como se diz(ia) – pelo menos desde a tese «telencefálica» J. H. Jackson (1887), segundo a qual os centros do lobo pré-frontal ocupariam uma posição superior - mas o circuito tálamo-cortical por exemplo, segundo David B. Edelman (do Departamento de Psicologia da Universidade de S. Diego), o qual é, em princípio, responsável por ligar/desligar a consciência (v.g. estado de coma). Mais, existe uma real equivalência por analogia entre as estruturas cerebrais responsáveis pelos processos que geram a consciência nos humanos e as estruturas noutros animais de sistema nervoso mais evoluído, como por exemplo, moluscos cefalópodes (polvos), aves, golfinhos ou elefantes, cuja consciência dependeria da evidência científica de que certas redes neurais subcorticais são as responsáveis por emoções/estados afetivos, mostrando, assim, toda uma qualia afetiva primitiva evolutivamente compartilhada, mesmo desde os insetos (e neste último caso, nomeadamente no que diz respeito à atenção, sono e tomada de decisão, segundo a famosa Declaração de Cambridge sobre a Consciência 5), pretendendo concluir, por conseguinte, que os animais não humanos também possuem consciência uma vez que são sencientes (sentem/sofrem o mundo e reagem a estímulos). Ou, segundo o professor Manuel Teles, os «dados sensoriais dos objetos externos que afetam o organismo bem como diversos aspetos do estado do corpo, dois tipos de processamento necessários à produção de consciência» (TELES, 2016) 6.

⁵ *CF.* Cambridge Declaration On Consciousness (2012).

⁶ Teles, Manuel, *No encaço da consciência animal: o problema epistemológico, a neurobiologia de Damásio e o comportamento animal*. Publicado em Revista Brasileira de Direito Animal, v.11, n. 21, (2016), p. 30.



Por não existir consenso relativamente ao problema levantado, se os animais possuem ou não consciência, obrigamo-nos a perguntar: poderá a consciência ser o estado psíquico pelo qual, e a cada instante, o sujeito interpreta e organiza informações empíricas da sua existência, presentemente vivida, mediante uma maturação harmoniosa das funções corticais da percepção e respetivo correlato psicológico de autoconhecimento (autoidentificação) do «eu» que se identifica identificando-se? Ora, para um apologista do psiquismo zoológico a resposta poderá ser sim mas... excluindo a limitação feita às funções corticais. Os animais possuem de facto *alguma* consciência, no sentido em que, segundo a terminologia de António Damásio, é bastante razoável admitir que «um ser não humano (desprovido de linguagem) possua consciência nuclear (*core consciousness*), ou de qualquer outro tipo»⁷.

Também de acordo com Manuel Teles, poderá este tipo de consciência existir autonomamente «em espécies mais simples [mas] sem consciência alargada (*extended consciousness*)»⁸. Por isso, a consciência, no seu ponto mais baixo da escala, não é exclusivamente humana. Para Damásio, a consciência nuclear («eu nuclear») produz um «sentimento primordial» que dá «significado [não verbal] à existência do meu corpo vivo». O «sentimento primordial» é a base donde variam todos os «sentimentos de emoção» gerados pela interação objeto/organismo. Mas esses são, por sua vez, ocasionados pela atividade mapeadora de registo biológico do *proto-eu* constituído, principalmente, pelo nível do tronco cerebral (por exemplo, hipotálamo, entre outros órgãos/áreas) na sua relação com o nível do córtex cerebral (por exemplo, o cíngulo anterior ou os campos oculares frontais). O *proto-eu* arquiva (ou *marca somaticamente* dizemos nós, para retomarmos o tradicional conceito damasiano) todos os registos neurais das várias modificações (estáveis ou não estáveis) do estado orgânico do corpo – *v. g.* lesões; baixo nível de açúcar; etc., mas também sinais nociceptivos (base da sensação da dor), interoceptivos (homeostasia), hedónicos ou outros. Melhor, esse *eu* toma decisões por via do tronco cerebral, que não é «um mero ponto de passagem dos sinais corporais a caminho do córtex cerebral»⁹: apercebe-se de alterações e a elas reage de modo «predeterminado» sim mas «modulável» construindo, por isso, não simples «retratos» do corpo mas os «sentimentos primordiais».

⁷ Damásio, António, *O Livro da consciência*, Temas e Debates, Círculo dos Leitores, 2010, p. 216.

⁸ Teles, *ob. cit.* p. 24.

⁹ Damásio, *ob. cit.* p. 241.



4 SERÁ A CONSCIÊNCIA UM MECANISMO BIOLÓGICO PURO?

Independentemente de existirem muitos milhares de artigos escritos sobre este assunto e deles não se ter evidenciado alguma unanimidade, o que também faz parte da própria filosofia e da ciência, e um pouco à semelhança do até agora irrefutável *Argumento do Moinho* de Leibniz, na sua *Monadologia* (secção 17) - onde se defende que a percepção por si própria é inexplicável -, desejamos arriscar uma tentativa de definição de consciência, de modo a *estender* a mesma a animais não humanos - enquanto o *princípio da uniformidade da natureza* (Hume) não nos pregar partidas e não nos reservar, quiçá, a *singularidade* de uma futura consciência artificial meta-biológica! Para isso socorremo-nos, desde já, de uma aturada conclusão do professor Manuel Teles:

Mais do que a capacidade de formar experiências psicológicas acerca dos dados sensoriais colhidos do exterior e do estado interno do organismo, a consciência inclui sempre a autoconsciência do organismo como sendo ele próprio o indivíduo que tem as experiências psicológicas dos objetos externos ou internos que o afetam. Ou seja, a consciência é autoconsciência (TELES, 2016) ¹⁰.

Por conseguinte, para o nosso autor, trilhando as teorias neurobiológicas de Damásio, numa pirâmide da consciência teríamos gradativamente da base para o topo, como portadores de uma «consciência nuclear» em maior ou menor grau, (alguns) cefalópodes, répteis e aves, peixes e anfíbios, mamíferos e homens - excluímos aqui, propositadamente, os insetos que, estendendo ao reino animal o raciocínio do(a) *eu (consciência) biológico(a)*, chamemos-lhe assim, poderiam ser igualmente considerados (e são-no, de facto, por alguns estudos), já que sencientes estão do seu meio ambiente, mediante sensações ou impressões subjetivas.

¹⁰ Teles, *ob. cit.* p. 26. Ou ainda: «Propomos que o facto dos sistemas nervosos dos peixes, anfíbios, répteis e aves estarem equipados com tubérculos quadrigémios superiores e *também com um tálamo* – o qual reforça as funções exteroceativas e interoceativas dos tubérculos quadrigémios superiores – confere uma dose aceitável de verosimilhança à possibilidade de todos estes animais serem conscientes.» (p. 30).



E afigura-se-nos, agora, um espinhoso trabalho para conceptualizar a consciência como mecanismo biológico puro, embora dele dependa evidentemente, uma vez que ela, ao construir um horizonte de valor/sentido logo o excede. O movimento que origina a consciência foi lançado muito antes da consciência. Nesta ordem de razões, ela (consciência, razão, espírito, alma) também não é autónoma e/ou absoluta e/ou impessoal. Esta distância de si a si mesma mostra-se intransponível. Obriga-nos, então, a lógica a colocar, por exemplo, o vitalismo fora de circuito, dado que a consciência sempre se refere a uma (kantiana) condição transcendental de possibilidade de qualquer espécie de conhecimento. Forçamo-nos a colocar, de igual modo, entre parêntesis uma reflexão sobre o suposto conhecimento científico que, e a título meramente exemplificativo, e para um autor tão importante como Montaigne por exemplo, se poderia evidenciar nos atuns ou nas formigas, respetivamente, «conhecimentos» (cognição) de geometria, aritmética, astronomia e de previsão do futuro – ou será que muitos estudiosos identificaram, talvez apressadamente, *inteligência animal com consciência animal* (na sua pré-determinada retroação biológica com o meio)? Finalmente, e no que diz respeito à costumada questão dualista cérebro/mente, colocaremos fora de circuito as teses – (neo) kantianas de resto, – de que a consciência, enquanto juízo transcendente, é uma ilusão/aparência transcendental natural à razão humana; uma «ilusão do eu» (Fichte); uma «falácia fenomenológica» (U. T. Place); ou uma «ilusão do [próprio] utilizador», «user illusion» (Dennett); ou enfim, porque não, uma inefável ilusão introspetiva.

Em boa verdade e senso, também nos escusamos de investigar os problemas da identidade ou do sentido, da perceção ou da representação, da tendência para e/ou da planificação de um futuro, ou da inteligência de um modo geral, capacidades em que o animal humano parece sobrepujar os outros animais. Não fazemos a apologia de qualquer discriminação especista - até porque muito apreciamos a inteligência de todos os outros animais que não o homem ou, por analogia, o seu *modo consciente* de viver o mundo, bastas vezes exemplar e digno de veneração. Estimamos toda a espécie de senciência (capacidade da sensação e de um *sui generis* sentimento); a apologia da não-violência sobre os animais; ou, à semelhança do supra referido Philip Low, podemos ainda prezar a hipótese do vegetarianismo. Defendemos, no entanto, (para além de toda esta depuração de temas, e restringido de modo objetivo a nossa investigação) que, pelo menos, sem uma discussão sobre o problema do *tempo*, bem entendido o *tempo da consciência* (haverá outro?!), pouco se



poderá avançar, no ponto de vista filosófico. E dizemos *pelo menos* porque, inclusive, necessariamente se abririam outras questões, *v. g.* o que é ser um ser inteligente?, ou ainda, que relações filosóficas fundamentais se estabelecem entre percepção, crença, conhecimento e consciência – algo que não abordaremos aqui por força de uma maior focagem no tema da consciência.

5 CONSCIÊNCIA E TEMPO – UMA NOTA FENOMENOLÓGICA.

Não obstante a cética purificação de afirmações até aqui exposta, e por exigência de método, desejamos também arriscar com possíveis conclusões. Ora, para Damásio: «A consciência é um estado mental a que foi acrescentado o processo de ser»¹¹. Se bem entendemos, a consciência (nuclear, não-autobiográfica portanto), longe de ser tão-só uma «corrente», como James supunha é, mais propriamente, um estado mental englobante de *conhecimento* ou sensação que um organismo possui ao conferir significado não-verbal à sua existência particular, melhor, um *sentimento primordial* decorrente do estado de vigília e das imagens (objetos ou ações) que estejam a ser processadas no seu cérebro de modo presente, recordado, concreto ou abstrato¹². A consciência está, portanto, no cérebro. Por conseguinte, admite Damásio, apesar de todas as «técnicas neurocientíficas mais poderosas», afigura-se bastante «improvável» que alguma vez se possa conhecer quais os «fenómenos neurais associados» a um «simples» estado mental¹³ - o próprio Thomas Nagel o tinha já sugerido.

Com efeito, se hoje em dia, com as mais hodiernas técnicas de IRM e da recente Optogenética, e por recursos aos supercomputadores mais avançados do mundo, como por exemplo o sistema Blue Gene da IBM (e seus derivados), sabemos que, e de acordo com Michio Kaku, na sua *Física do Futuro*¹⁴, serão necessários vinte anos (à escala do investimento económico atual nestas ciências) para identificar cada um dos apenas 150 000 neurónios do cérebro da mosca da fruta (um cérebro humano possui 100 000 milhões de neurónios) – e isto nos levaria a outro tema, o da criação de um cérebro artificial (ou mais um problema filosófico

¹¹ Damásio, *ob. cit.* p. 199.

¹² Damásio, *ob. cit.* pp. 230 e ss.

¹³ Damásio, *ob. cit.* p. 385.

¹⁴ Kaku, Michio, *A Física do Futuro*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2011, p. 120 e ss.



a jusante da definição de consciência?) -, o que imaginar, então, sobre a já real possibilidade de cartografar ou modelar (todos?) os potenciais de ação (pulsos neurais) de uma consciência (nuclear)? Será este o caminho para explicar a consciência animal? É ainda necessário introduzir outras variáveis, como as da tese da inconsciência por exemplo (David Eagleman), como veremos mais abaixo? E o que dizer das contundentes reflexões leibnizianas que - em *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* (1765) – introduziram já o postulado dos impulsos inconscientes, as «petites perceptions», («insensíveis»), características de todos os animais incluindo o homem e/ou das «appetitions», também inconscientes mas determinantes de ações? Enfim, tudo é consciência ou não?

Ora, julgamos ter aprendido com o mestre Husserl, nomeadamente nas suas *Ideias I* (§86) que a consciência é sempre consciência «de» qualquer coisa, recetando em si um qualquer «sentido» - uma «unidade de sentido» (*Einheiten des Sinnes*) presumida, confirmada ou infirmada (§55) - a quintessência da «alma» («espírito», «razão») por assim dizer, mas não se aplicando a «complexos psíquicos» ou fluxos de sensações ou o sensualismo de um modo geral. Pelo contrário, consciência é toda ela «consciência», fonte de toda a razão/desrazão, direito/ilegalidade, realidade/ficção, valor/não valor, ação (*Tat*)/não ação. A fenomenologia (grelha que defendemos como inultrapassável nesta questão, apesar de sucessivamente reinterpretada em todo o mundo intelectual atual) ensinou-nos que a consciência se constitui num fluxo temporal das vivências, do «agora vivido», que condensa o passado e o futuro - a retenção e a protensão. No que respeita a estas últimas, não se trata nem de uma reprodução nem de uma antecipação memorativas, mas a inerente implicação do passado e do futuro no presente cujo elemento unificador é o *eu puro*, isto é, o sujeito idêntico no «agora» contínuo, o que se mantém sempre o mesmo em todas as mudanças reais e possíveis desse fluxo vivencial, enfim, a chamada transcendência na imanência. A consciência não obedece, pois, a qualquer determinismo causal, já que por si exerce a função de síntese objetiva de todas as intelecções, volições, afetividades mais complexas, etc.¹⁵. A consciência não tem partes.

É então possível a identificação da consciência numa unidade de tempo *hic et nunc* (suposta pela sua unidade intuitiva) com a realidade ambiental ou exterior *hic et nunc*? Não nos parece. De novo: apenas pela consciência podemos pensar essa relação como (já) dada

¹⁵ Tivemos já oportunidade de explicitar noutro lugar, as características fundamentais da fenomenologia de Husserl, num estudo intitulado «Júlio Moreira Fragata ou uma iniciação na fenomenologia de Husserl».



(à consciência). Por conseguinte, a consciência também poderá ser uma ilusão subjetiva temporal causada pelo facto de possuímos um «cérebro multissensorial»¹⁶ que constrói essa noção, onde o «antes» e o «depois» (a)parecem sincronizados enquanto sinais úteis para a vida diária dos seres vivos. Por exemplo, os nossos olhos precisam de dezenas de milissegundos para se moverem de uma posição para outra, mas - eis o mistério! -, nunca os veremos a mover-se. Diga-se no entanto, e em boa verdade, que também não precisamos. À semelhança de muitos outros animais, também os humanos funcionam de modo consciente porque inconscientes da sua representação. Funciona! Mas, ao pensarmos nela interrompemos o nosso primeiro estado consciente e passamos a um segundo estado consciente outro de si mesmo, por assim dizer.

Apresenta-se, portanto, incompleta a explicação de que o cérebro é uma espécie de dispositivo input/output cada vez mais complexo, à medida que se avança dos níveis proto para os níveis nucleares e destes para os níveis alargados e que ocorre de A para B. Assim, afigura-se plausível considerar, antes, uma concomitância feedback/feedforward - a funcionalidade dos circuitos cerebrais chamada «recorrência» ou (mais comumente) «circularidade.» Semelhante interconetividade cerebral explica que todo o sistema pode funcionar não conscientemente de trás para a frente e vice versa, onde, por exemplo, áreas cerebrais de nível superior orientam as de nível inferior - o que deveras dificulta uma suposta gradação de complexidade ao formar-se (um)a (qualquer) consciência. O cérebro vê o mundo na medida em que dele necessita. As falhas temporais dos inputs não são sentidas, nem elas constroem qualquer organismo vivo na organização do seu mundo. O tempo é coisa mental.

A vivência atual do ego é o centro ou ponto de fuga no conteúdo do quadro mundano da temporalidade originária. Em boa verdade, todas as vivências se encontram temporalmente determinadas *no e pelo* constante fluxo de instantes imanentes da consciência. Toda a coisa aparece por si enquanto objeto exposto ao ego, de momento preenchido por determinada síntese intuitiva. Mais, tanto para a imaginação como para a percepção, ou para a recordação, toda a intuitividade do objeto, ou nessa unidade intuitiva da *objetualidade* (Gegenstandlichkeit) existem, no ato intuitivo total, *partes preenchidas* (partes ou facetas dos objetos que caem, de modo atual, na intuição) e remanescem *partes vazias* (partes ou facetas dos objetos dados de

¹⁶ CF. Eagelman, David, *Incógnito – as vidas secretas de cérebro humano* (2011), Lisboa, Ed. Presença, 2012, pp. 62 e ss.



modo inautêntico). Reajustando-se constantemente, o tempo (*o tempo real*, ou o (quase-) *tempo como-se* da imaginação) é a expectativa de que, por exemplo, um ato sensitivo é consequência de um ato motor. Apesar de ilusório o tempo é a essência da consciência e a consciência é a estranheza sentida de si a si mesma, experimentando o eu a inextrincável sensação de um tempo sempre diferido.

À vista do que ficou exposto até aqui, teremos de admitir que se quisermos demonstrar a existência da consciência animal, torna-se urgente, em primeiro lugar, explicar o que é a consciência. Ou o problema estará eventualmente mal colocado?! E até que ponto ser consciente subsume já um qualquer grau de desconsciência (ou hiato temporal) da própria atualidade da presentificação do objeto na representação? Torna-se urgente inventar novos conceitos para esta questão?

Enfim, se bem que nem todos os dialelos são falazes, e que a própria natureza humana bastas vezes nos prega partidas, defendamos então que explicar o fenómeno da consciência é, por si só, uma explanação que se retroalimenta. No entanto, salvando melhor opinião, e porque toda a teoria que explica num âmbito limitado um fenómeno e nada mais, incorre na falácia de explicação pudemos, tão-só, e à falta de melhor opinião, admitir a sciência e a inteligência dos animais não humanos e/mas não a (sua) consciência *stricto sensu*, ou seja, nos moldes em que acima a entendemos. Sciência implica consciência(s) mas, para nós, a sciência animal traduz-se numa consciência nuclear de um proto-eu (neuronal), não mais do que isso. A existência de um eu que vivencia e experimenta sensações é o que, evidentemente, distingue qualquer ser vivo de uma coisa. E dado que a consciência é biologicamente autotélica, e também por sofrer de um obstáculo fenomenológico, mais não conseguimos avançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como epílogo da nossa pequena investigação, apresentamos um último exemplo, a consciência dos vertebrados. Esta dependerá da relação entre o tronco cerebral e o nosso corpo na sua relação com o córtex. O tronco cerebral constrói o mapeamento do corpo e daí resultam os «sentimentos primordiais» que fornecem a base do eu. Mas, o córtex dos animais humanos é dispar, é mais complexo. Dele sobrevém o maior dos seus produtos, o que se



concretizou como consciência ¹⁷. Possuímos, então, um fluxo de imagens mentais (mente) que fornecem o material para a percepção do eu. A consciência presencia essa constância de imagens no dia a dia, mais, ou menos conscientes, como se estivéssemos a assistir a um filme do qual seríamos corealizadores e editores...

O cérebro é, afinal, um espontâneo «contador de histórias», como referiu Damásio ¹⁸, constituindo estas «histórias» a condição de possibilidade para a própria linguagem. Esse músculo tem por função recolher informação e processá-la para os vários circuitos, os «relatos» de primeira, segunda e terceira ordens, respetivamente, mapas neuronais representantes do proto-si e do objeto, representações imagéticas ou relato não-verbal da consciência nuclear e capacidade verbal ¹⁹. Assim, a importância tradicional da própria intencionalidade husserliana, e pós-husserliana, gozaria de uma origem biológica (mas nela não se esgotaria também). É a consequência da atividade neurofisiológica do cérebro que capta, numa primeira instância, o material exterior para o processar num hiato fenomenológico fundamental.

Por outro lado, também não encontramos esses relatos de terceira ordem nos animais não humanos. Não se afigura evidente essa capacidade de «contar histórias» a si próprio, segundo uma intencionalidade em fluxo sucessivo de imagens, mediante a linguagem conotativamente reprodutível e grafada, de alguma forma, para as gerações seguintes, isto é, de modo não meramente pré-programado pela sua biologia mas, pelo contrário, em ciclo cultural sociologicamente recriado ao longo da História. E, de alguma forma, acrescentar subcategorias ou tipos de consciência à consciência de um modo geral considerada, não aumenta a sua compreensão mas, meramente decuplica a nossa dificuldade em entendê-la. Seria como se estivéssemos a pensar o infinito segundo uma ordem finita. Não existe consciência sem aquele que é consciente. Este Úroboro da consciência tem de entrar no limite do discurso, sob pena de se apresentar incomunicável. O animal não humano não possui um discurso público, se bem que possa possuir uma (proto)linguagem.

Também sabemos que, para a consciência, tudo é mais visado do que dado. Todo o singular vivido é, virtualmente, mais amplo do que aquilo que nos é dado/possível, ainda num

¹⁷ CF: Damásio, António, *Em busca de compreender a consciência. TED2011*

¹⁸ Damásio, António, *O Sentimento de Si*, Lisboa, Europa-América 2000, p. 221.

¹⁹ Damásio, *ob. cit.* p. 201 e ss.



nível ante representacional, consciencializar pelo discurso. Na sua potência, o mundo é sempre anterior ao ato. Resta saber qual a possível ordem das suas atualizações...

Como resumiu, com propriedade, Luís Carmelo:

Esse discurso assenta na primeira antecâmara da consciência, o proto-si, que se faz refletir no si-nuclear, através de dados neurais. Estes dados já são cartografias, escritas do corpo, mas que não acedem ainda ao palco da representação. A ordem de seleção destes dados também não pode ser apurada. É igualmente autotélica, como autotélico é um imenso conjunto de figurações que entram nos circuitos do nosso organismo, sem que a consciência deles tenha leitura (nomeadamente tudo o que povoa o inconsciente) (CARMELO, 2001)²⁰.

Explicitando: tendo a consciência em si mesma a sua biológica finalidade, os dados sensíveis (ou hiléticos), ou os qualia co-originários da experiência pessoal, não podem ser conscientemente lidos. Valem por si próprios. Resta-nos, enfim, uma inefável transcendência de si a si, incontornável, incomunicável! - de modo análogo ao estado de consciência diferenciado que é o sono, considerado por si só, não podendo ele constituir-se enquanto vivência da consciência atual, por evidente carência da necessária correlação noético-noemática, isto é, a ligação entre a intencionalidade (noesis), orientada para o objeto, e os seus dados inteligíveis (noema).

O tempo da consciência tão-só muito escassamente apreende as atualizações dadas, mediante uma mínima e imponderável continuidade do seu fluxo imanente, num eterno e radical diferimento representacional, por assim dizer com António Damásio, quando explica que: «Estamos sempre atrasados para a consciência, mas como todos nós sofremos do mesmo atraso, ninguém repara» (DAMÁSIO, 2000, p.154).

Topariámos, aqui, com um obstáculo fenomenológico da própria consciência, a saber, a impossibilidade da descrição e interpretação do fenómeno ou da função temática da consciência (sempre atrasada). Em boa verdade, como conceptualizou Heidegger, trata-se da *Als Struktur* (estrutura enquanto que): um objeto apenas pode ser visado enquanto tal ou tal. Por exemplo (já que a fenomenologia se faz com exemplos!), afigura-se absurdo querer recordar algo (qualidade do ato) independentemente desse algo ter sido vivido de facto (matéria do ato). E por paráfrase de Kant, digamos que a consciência (razão) encontra os seus

²⁰ Carmelo, Luís, *Signo, tempo e consciência: Gilles Deleuze e António Damásio*, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001.



limites à custa da reflexão sobre (in)evitáveis paralogismos e outros raciocínios dialéticos que ela mesmo produz. Estamos, portanto, circunscritos por tal inevitabilidade, quando refletimos sobre o objeto consciência animal. Não obstante, é-nos permitido imaginá-la. Em boa verdade, só pela imaginação livre, enquanto modificação qualitativa (neutralização ou modificação de neutralidade) universal subjacente a toda a experiência, a toda a presentificação portanto, isso se afiguraria possível – o que nos conduziria a um tema complementar e para outro texto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joaquim Carlos, *A Imaginação Material*, Lisboa, Universitária Editora, 2000.
- ARAÚJO, Joaquim Carlos, «Júlio Moreira Fragata ou uma iniciação na fenomenologia de Husserl», *Phainomenon*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, número 22/23, pp. 217-248, – Primavera e Outono de 2011. Disponível em: <http://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/289>. Consultado em: 09/09/2021.
- DAMÁSIO, António, *O Sentimento de Si*, Lisboa, Europa-América, 2000.
- DAMÁSIO, António, *O Livro da Consciência*, Temas e Debates, Círculo dos Leitores, 2010.
- DAMÁSIO, António, «Em busca de compreender a consciência.» - TED2011. Disponível em: https://www.ted.com/talks/antonio_damasio_the_quest_to_understand_consciousness/transcript?language=en. Consultado em: 01/09/2011.
- CARMELO, Luís, *Signo, tempo e consciência: Gilles Deleuze e António Damásio*, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-deleuze-damasio.html>. Consultado em: 26/08/202.
- EAGELMAN, David, *Incógnito – as vidas secretas de cérebro humano* (2011), Lisboa, Ed. Presença, 2012.
- HAMILTON, William, *Lectures on metaphysics and logic*, Vol. I. *Metaphysics*, ed. by the Rev. Henry L. Mansel, B. D., Oxford., and John Veitch, M. A., Edinburgh., Boston, Gould and Lincoln, 1859. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/m/moa/AJE6327.0001.001/154?rgn=full+text;view=image;q1=1>. Consultado em: 25/05/2021.



JAMES, William, «The Stream of Consciousness», First published in *Psychology (Briefer Course)*, Chapter XI (Cleveland & New York, World), 1892. Disponível em: <https://psychclassics.yorku.ca/James/jimmy11.htm>. Consultado em: 27/08/2021.

KAKU, Michio, *A Física do Futuro*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2011.

LOW, Philip, *Cambridge Declaration on Consciousness*, 2012. Disponível em: <https://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>. Consultado em: 12/07/2021.

NAGEL, Thomas, «What Is It Like to Be a Bat?», *The Philosophical Review*, Vol. 83, No. 4 (Oct., 1974), pp. 435-450. Published by: Duke University Press on behalf of Philosophical Review. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/iatl/study/ugmodules/humananimalstudies/lectures/32/nagel_bat.pdf. Consultado em: 01/09/2021.

TELES, Manuel, *No encaço da consciência animal: O problema epistemológico, a neurobiologia de Damásio e o comportamento animal*. Publicado em *Revista Brasileira de Direito Animal*, v.11, n. 21, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/16499>. Consultado em 12 de janeiro de 2019.

Recebido: 17/09/2021

Aprovado: 02/10/2021